

## **Sonoridade, intertextualidade e sentidos em *Sabiapoca ou Canção do exílio sem sair de casa*, de Aclyse de Mattos**

Marcia Regina da Silva\*  
Marta Helena Cocco\*\*

**Resumo:** Neste artigo, procuramos enfatizar recursos expressivos do poema narrativo *Sabiapoca ou Canção do exílio sem sair de casa*, de Aclyse Mattos, especificamente os elementos de sonoridade e a intertextualidade, relacionando-os com os sentidos. Apresentamos uma breve análise dos aspectos formais, com destaque para o uso de rimas e aliterações, recursos que fazem jus ao nome “canção”. Identificamos de pronto, como recurso intertextual, o procedimento de paródia que segundo Sant’Anna (2001), citando Bakhtin (1981), trata-se de um texto em que “o autor emprega a voz de um outro”, contrariando-a. Buscamos demonstrar como se dá esse processo no poema, em diálogo com “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias, relacionando quais os sentidos de exílio se verificam nas duas obras. Entre os resultados, destacamos que o poema aborda uma temática ecológica, apontando o desmatamento como causa do êxodo de animais da natureza e consequente exílio nos ambientes urbanos.

**Palavras-chaves:** Intertextualidade. Paródia. Recursos sonoros. Poesia infantojuvenil.

Sonority, intertextuality and senses in *Sabiapoca or Canção do exílio sem sair de casa*, by Aclyse de Mattos

**Abstract:** In this article, we seek to emphasize the expressive resources of the narrative poem *Sabiapoca or Canção do exílio sem sair de casa*, by Aclyse Mattos, specifically the elements of sound and intertextuality, relating them to the senses. We present a brief analysis of the formal aspects, with emphasis on the use of rhymes and alliterations, resources that live up to the name "song". We immediately identified, as an intertextual resource, the parody procedure that, according to Sant'Anna (2001), quoting Bakhtin (1981), is a text in which “the author uses the voice of another”, contradicting it. We seek to demonstrate how this process takes place in the poem, in dialogue with “Canção do Exílio” by Gonçalves Dias, relating which the meanings of exile are verified in both works. Among the results, we highlight that the poem addresses an ecological theme, pointing out deforestation as a cause of the exodus of animals from nature and consequent exile in urban environments.

**Keywords:** Intertextuality. Parody. Sound features. Children's poetry.

---

\* Graduada em Letras pela UNEMAT – E-mail: [regina13abril@gmail.com](mailto:regina13abril@gmail.com) . Texto produzido a partir de Trabalho de Conclusão de Curso.

\*\* Orientadora. Professora de graduação e pós-graduação da UNEMAT, membro do grupo de pesquisa Ler (UNEMAT/CNPQ) – E-mail: [marta.cocco@unemat.br](mailto:marta.cocco@unemat.br)

## Introdução

Neste artigo apresentamos uma leitura da obra infantojuvenil *Sabiapoca - ou Canção do Exílio sem sair de casa*, doravante *Sabiapoca*, com ênfase nos elementos de sonoridade do poema e na intertextualidade estabelecida com o poema romântico de Gonçalves Dias.

O livro é constituído por um poema narrativo infantojuvenil, de autoria de Aclyse Matos e ilustrado por Bárbara Portela. Foi publicado em Cuiabá, em 2018, pela editora Tanta Tinta, com recursos da lei municipal de Cultura. A obra apresenta a história de um passarinho que, por causa do desmatamento, tem de se habituar ao ambiente urbano, inclusive modificando a estrutura de seu ninho e a alimentação da ninhada.

A temática é relevante na atualidade, pois o desmatamento e suas consequências para a vida de todos os seres, inclusive os humanos, tem sido um tema de fortes debates no país e no mundo.

Além da importância do tema, um dos aspectos que chama a atenção são os recursos de construção, especialmente os sonoros, que elevam e enriquecem o mundo das percepções, além do evidente diálogo intertextual indicado desde o título.

Sobre essa obra, a pesquisadora Rosana Rodrigues publicou uma resenha na revista Polifonia, de onde extraímos este trecho:

O sabiá, considerado um símbolo nacional, é um dos pássaros mais conhecidos em todo o país. Também expressão de liberdade e ascensão, o pássaro tem seu simbolismo invertido no poema, uma vez que *Sabiapoca* é aprisionado pela paisagem urbana, de onde não poderá ascender. Assim invertido, o sabiá, cantor saudoso da beleza da terra, torna-se o emblema das consequências do progresso e da voz engajada do poeta que alerta para a poluição urbana, o desmatamento e a consequente perda da beleza das matas. A paisagem natural, de folhas, galhos e flores no percurso do sabiá se transforma em um feio cenário urbano de postes, fios, plásticos, pregos, piches e tampinhas de refrigerantes. (RODRIGUES, 2019, p.185).

Esses aspectos, já apontados pela pesquisadora, são reiterados em nosso estudo.

*Sabiapoca* é um livro em que estão muito bem articuladas as ilustrações, o tema, a organização da linguagem e a própria escolha do pássaro, dialogando com o famoso poema romântico de Gonçalves Dias, ressaltando o aspecto nostálgico e triste do texto. Sobre o pássaro, encontramos estas informações:

O sabiá-poca [...]. É um dos sabiás mais conhecidos pelos brasileiros, seja pelo seu aspecto físico, seja por seu canto triste. Nas diversas regiões possui os mais variados nomes comuns: bico-de-osso, sabiá-branco, sabiá-do-peito-branco, sabiá-bico-amarelo, sabiá-bico-de-osso, e sabiá-bico-de-louça. [...]. Em agosto inicia-se sua reprodução. [...]. Alimentam-se de invertebrados e pequenos frutos, principalmente no solo. [...]. Pousado ou no chão, possuem o característico hábito de balançar a cauda rapidamente na vertical. O piado de contato é traduzido por póca, nome tupi para barulho. [...] só canta na época de reprodução, fora isso só emite chamados [...]. Há ocorrência dessa espécie em quase todos os estados do Brasil e na Argentina. (SABIAPOCA, 2019)

E em uma entrevista inédita, realizada via *e-mail*, concedida especialmente para essa pesquisa, o autor contou um pouco sobre o processo de construção do poema e a escolha por *sabiapoca* e não outra ave.

Meu processo é muito lento, mesmo que, às vezes, o poema apareça quase pronto. O que quero dizer é que escrever o poema pode até acontecer de uma única vez que, ainda assim, ele ainda não está pronto. (...). Costumo escrever poesia a mão com lápis, depois passo para caneta, depois para um caderno, depois para o computador. Muitas vezes com grandes intervalos entre uma ação e outra. (...). O texto original de *Sabiapoca* já era de muitos anos atrás(...). A ideia aconteceu (...), quando vi pela televisão uma reportagem em que numa cidade do interior de São Paulo encontraram um ninho de *Sabiapoca* feito com arames, tampinhas de refrigerante, parafusos. Esse é o lado do real, do cotidiano. Foi um raio para lembrar-se do *Sabiá da Canção do Exílio* e para perceber que estávamos (como o *sabiázinho*) sendo expulsos de nosso próprio modo de ser. (...). (MATTOS, 2019).

Geralmente os livros infanto-juvenis trazem personagens animais, personificados ou não, num universo fabuloso ou não. Isso nos remete à infância, o que o torna mais atrativo e próximo da criança, conforme assinalado por Rodrigues (2019). É um livro que, a cada manuseio, leva-nos a acompanhar o percurso e conflitos do pássaro.

Sabiapoca, após passar um tempo,  
Viu definhar a mata em que vivia.

Doeu no seu peitinho um sentimento  
De ver que haver graveto não havia.  
(MATTOS, 2018, s/p)

A capa do livro e as ilustrações são obra de Barbara Portela, cuiabana Graduada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (UFMT), que atua como Ilustradora e Designer Gráfico desde 2016. O livro, na capa, traz a figura do pássaro cantando feliz em seu habitat natural em contraste com a quarta capa, com o urbano, uma selva de pedras. A influência das figuras, do colorido, possui um grande poder evocativo, dando harmonia à narrativa. O verde em especial é a cor que mais aparece nas primeiras páginas do livro, simbolizando esperança, força, longevidade. E ele vai desaparecendo, conforme muda a situação de sabiapoca.



(imagem: acervo das pesquisadoras)

Perguntamos também ao autor, se houve, de forma consciente, a intenção de chamar a atenção das crianças leitoras para o tema do desmatamento:

(...). Sim, acredito que a transformação do mundo passa pelas crianças, mas a escola não pode ser algo dogmático, impositivo. A ludicidade, a arte, a possibilidade de inventar nos transformam

muito mais. Imagina tudo isso para as mentes em expansão aceleradíssima que são as mentes das crianças. Some-se a isso a poesia e a literatura e sua capacidade de criar conexões entre a linguagem e o mundo! (MATTOS, 2019).

Independentemente do projeto, o objetivo do autor se realiza pela voz do sujeito lírico que se apresenta no texto, em terceira pessoa, contando a trajetória de vida do pássaro Sabiapoca, que vivia em harmonia em seu lar e, com o tempo, se vê exilado sem sair de casa.

### **Aspectos sonoros do texto**

Quando um poema já se anuncia como canção ou cantiga, pode despertar nos leitores uma expectativa de que elementos da camada sonora sejam enfatizados, como o ritmo, as rimas e outras figuras de som. Essa expectativa se confirma quando lemos a *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, cujos versos são heptassílabos, ou redondilhas maiores, organizados em cinco estrofes: três quartetos e dois sextetos. Os versos regulares possuem rimas cruzadas.

*Sabiapoca* possui 18 estrofes de quatro versos chamadas de quadras. Os versos são irregulares com tamanhos que variam entre versos de 6 sílabas: “Majestosa avezinha”, e versos com 12 sílabas como: “Vixe! Que ninho estranho entranha lá no alto.”

Os elementos de sonoridade que se destacam no poema de Mattos, são as rimas e as aliterações. As rimas – repetições de sons semelhantes- variam de cruzadas ABAB, como na primeira estrofe:

Sabiapoca não é pouca porcaria  
Majestosa avezinha  
Cantando ao raiar do dia  
(Ou pode dizer de madrugada).  
(MATTOS, 2018, s/p)

Em algumas estrofes as rimas são emparelhadas, como na última estrofe:

E assim vai terminando este poema;  
Meu sabiá real virou emblema.  
Não canta mais, cansou de bater asas:  
Canção do exílio sem sair de casa.  
(MATTOS, 2018, s/p)

Em outras, há uma sequência de três palavras formando um trio de rimas emparelhadas e uma órfã: espinho/prego/entrego/nego. Às vezes, a rima é garantida pela pronúncia estrangeira de uma palavra: segue/reggae. Boa parte das rimas são consoantes<sup>1</sup>: poema/trema; e há muitas toantes<sup>2</sup> também: famoso/fogo.

Outra figura de som muito forte no poema é a aliteração<sup>3</sup>, como nesta estrofe, em que se repetem os sons de /tr/:

Manoel já disse um sabiá com trevas  
Meu sabiá também não tem nem trevos;  
Tem entreveros com a cidade entrave.  
Como é possível sabiá com trovas?  
(MATTOS, 2018, s/p)

A aliteração, aliás, chama mais atenção do que as rimas. Se o recurso das rimas provoca um ritmo cadenciado que está coerente com a ideia de canção, uma espécie de reggae sertanejo, de acordo com o autor do poema, as aliterações em abundância, estão coerentes com as ideias de entrave, problema, obstáculo que o sabiapoca encontra para sobreviver no ambiente urbano.

Também se verifica riqueza de assonâncias<sup>4</sup> em muitas estrofes, como nesta em que se repete o som do /o/:

Sabiá-laranjeira – é esse o mais famoso  
Deve fazer um ninho orlado em flores.  
Tem peitoral cor de laranja-fogo  
E como canta lindo as suas dores!  
(MATTOS, 2018, s/p)

O /o/ aparece nessa estrofe como uma vogal sonora e fechada que contribui com o tom de lamento expressado na canção.

Enfim, o poema Sabiapoca, com essa riqueza de elementos sonoros, proporciona uma leitura ritmada e agradável, especialmente ao público

---

<sup>1</sup> Rimass consoantes são aquelas em que além da vogal tônica, alguma consoante também coincide.

<sup>2</sup> Rimass toantes são aquelas em que só coincide a vogal tônica.

<sup>3</sup> Aliteração: repetição de sons consonantais.

<sup>4</sup> Assonância: repetição de sons vocálicos.

infantojuvenil. Esses aspectos formais dão ênfase aos sentidos de canto nostálgico e proporcionam prazer estético pela boa organização textual, fazendo jus ao título de canção, escrita não nos moldes tradicionais das redondilhas, mas com um ritmo mais moderno.

### **Intertextualidade**

Como já dissemos, o poema *Sabiapoca* fala de exílio<sup>5</sup> desde o título. Assim sendo, fica evidente a relação intertextual com o famoso “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, dada a popularidade desse poema no contexto do ensino brasileiro (presente em livros didáticos desde há muito tempo). Não bastasse, o poema traz explicitamente a referência:

Sabiapoca tem parentes chiques.  
Tem uns até cantando nas palmeiras  
Trilando aqui ou gorjeando tristes...  
São tão românticos esses laranjeiras!  
(MATTOS, 2018, s/p)

Ressaltamos que muitos escritores estabeleceram diálogo com o poema de Gonçalves Dias, seja parodiando ou parafraseando, o texto de partida. A paráfrase e a paródia são os tipos mais comuns de intertextualidade. Antes de prosseguir, buscamos esses conceitos descritos por Afonso Romano de Sant’Anna:

Paráfrase é a reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita. Uma paráfrase pode ser uma afirmação geral da ideia de uma obra como esclarecimento de uma passagem difícil. Em geral, ela se aproxima do original em extensão. (SANT’ANNA, 2001, p.17)

A paródia, por sua vez, de acordo com Bakhtin, citado por Sant’Anna é uma produção textual que, no diálogo com o texto de partida,

introduz naquela outra fala uma intenção que se opõe diretamente à original. A segunda voz, depois de se ter alojado na

---

<sup>5</sup> Segundo o dicionário on-line de português, exílio é um substantivo masculino e indica “ação ou efeito de exilar. Que foi retirado de seu próprio país ou que dele saiu voluntariamente. Local em que habita o exilado. Região desabitada; lugar distante; local solitário. [Figurado] Que se excluiu do convívio em sociedade; solidão. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/exilio/> acesso em 22/10/2019.

outra fala, entra em antagonismo com a voz original que a recebeu, forçando-a a servir a fins diretamente opostos (SANT'ANNA, 2001, p.14)

Por essas definições, de pronto, a leitura do poema *Sabiapoca* nos remete ao conceito de paródia, porque reconhecemos, no texto de Aclyse Mattos, um sujeito lírico que não exalta os elementos da natureza com vistas a um sentimento ufanista de nacionalidade, como no texto de Gonçalves Dias. Portanto, o diálogo instaurado não é o de confirmar as ideias do texto de partida, e, sim, aproveitar alguns aspectos daquele, deslocando-o para a contemporaneidade e usando o sentido de exílio de outra forma. Assim, trata-se de uma paródia, como demonstraremos ao longo deste capítulo. A propósito, a paródia

é um efeito de linguagem que vem se tornando cada vez mais presente nas obras contemporâneas. A rigor existe uma consonância entre paródia e *modernidade*. [...] tem se observado que a paródia é um efeito sintomático de algo que ocorre com a arte de nosso tempo. Ou seja: a frequência com que aparecem textos parodísticos testemunha que a arte contemporânea se compraz num exercício de linguagem onde a linguagem se dobra sobre si mesma num jogo de espelhos. (SANT'ANNA, 2001, p.7)

A Revista *Germina* registra cento e onze escritores<sup>6</sup> brasileiros que se apropriaram do poema de Gonçalves Dias com objetivo de apresentar elementos que dialogam entre si pelas diversidades de formas e finalidades, entre os quais se destacam: “Canto de regresso à Pátria”, de Oswald de Andrade, escrito em 1924, em que o autor apresenta uma visão mais próxima do leitor do seu tempo, assumindo temática nacionalista crítica, especialmente quando usa o termo ‘palmares’ no lugar de ‘palmeiras’, numa clara alusão à escravidão, e enfatizando a urbanidade da cidade de São Paulo. Outra paródia é a “Canção do Exílio” de Murilo Mendes, escrito em 1925-1931, em que denuncia a invasão cultural estrangeira no Brasil, fazendo com que o eu lírico se sinta um exilado em sua própria terra. E também “Canção do exílio facilitada”, de José Paulo Paes, escrita em 1986, em que o deslocamento temporal fica muito claro a partir das expressões adverbiais “lá” e “cá”, num jogo em que a linguagem retoma o saudosismo, mas de modo mais irônico do que exaltativo.

---

<sup>6</sup> Confira a lista completa em:

[https://www.germinaliteratura.com.br/sabiaseexilios/asavesqueaquigorjeiam\\_capa.htm](https://www.germinaliteratura.com.br/sabiaseexilios/asavesqueaquigorjeiam_capa.htm).

De acordo com Sant'Anna (2001), a paródia já existia na Grécia, em Roma e na Idade Média, contudo, com o uso frequente com que ela vem se mostrando, tem-se a impressão que ela seja algo contemporâneo. “Modernamente a paródia se define através de um jogo intertextual”. (SANT'ANNA, 2001, p.12). Ao revisitar os estudos de Bakhtin, Sant'Anna destaca que a paródia consegue realizar a difícil façanha de “homenagear agredindo” ou de “agredir lisonjeando”. No caso em questão, Mattos vem contrapor o sentido de exílio no poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias (1847), ao apresentar o paradoxo do “exílio sem sair de casa”, emprestando voz indireta ao sabiá cujo dilema foi expressado pelo sujeito lírico em terceira pessoa. O sabiá teve de construir seu ninho com recursos do meio urbano. (“Sabiapoca cata agora é porca/ é parafuso, é prego, tampinha de coca”). O exílio de Gonçalves Dias, de acordo com informações do contexto de produção daquele poema, referia-se a seu exílio voluntário em Portugal a fim de realizar seus estudos, na cidade de Coimbra, em 1847. (“Não permita Deus que eu morra/ sem que eu volte para lá”).

Como já dissemos, o caminho que o autor Aclyse Mattos percorre para estabelecer conexão com a “Canção do exílio” é a paródia, que, segundo Sant'Anna (2001), é uma forma de contestar ou ridicularizar outros textos, em que há uma ruptura com as ideologias impostas, um choque de interpretação e a voz do texto original é retomada para transformar seu sentido. Dias expressou a solidão e a saudade que sentia da sua terra, dando uma posição de superioridade à natureza brasileira, uma idealização própria da estética romântica que exaltava a beleza ideal, a tradição e o nacionalismo.

Bakhtin (apud SANT'ANNA, 2001, p.20) afirma que “o nosso pensamento se origina e se forma no processo de interação e luta com pensamentos alheios, o qual não pode deixar de refletir-se na forma da expressão verbal do nosso”. Assim, quando o autor Aclyse Mattos tem em seu repertório de leituras o poema de Gonçalves Dias, o diálogo se estabelece, pois há um aproveitamento, por assim dizer, das ideias do outro, ressignificadas/modificadas em outro tempo e contexto.

O eu lírico conta como se sente um pássaro que é expulso de seu habitat (“Sabiapoca, após passar um tempo,/ viu definhar a mata em que vivia./ Doeu no seu peitinho um sentimento/ de ver que haver graveto não havia”), e agora se conforma em viver num ambiente metropolitano para dizer que há vários exílios,

e que mesmo sem sair de casa, podemos nos sentir exilados, isolados, distanciados de algo.

Deste ponto, o estudo e análise auxiliam a construção do saber a partir de olhares de outros. *Sabiapoca*, ao lançar mão do procedimento da paródia, pode ampliar a visão de mundo da criança. Segundo Joana Cavalcante (2001, p.12), “a literatura é uma grande metáfora da vida e do homem”. Ou seja, o que acontece com o pássaro, um ser vivo, também é metáfora para o que acontece com todos nós, cada vez mais engaiolados em nossos espaços urbanos apertados e desprovidos de outros seres da natureza como as árvores e os bichos.

A literatura infantojuvenil pode proporcionar à criança outras visões de mundo, para as quais pode usar toda sua imaginação, produzindo, assim, uma aprendizagem significativa.

Com a obra de Mattos, mais crítico se torna nosso olhar, para os temas abordados. Se o passado não pode ser resgatado com a natureza exuberante descrita por Gonçalves Dias, a leitura pode, por oposição quanto aos modos de percepção dos dois sujeitos líricos, contribuir para o despertar de uma necessária consciência ambiental, uma vez que ficção e realidade se cruzam e experimentamos, de algum modo, a sensação de pássaros exilados. As estrofes finais do poema falam, definem o exílio como expulsão e depois, acomodação.

E assim voando vai o sabiá-bem-poca  
abrindo a boca, o bico, à beça,  
leva no voo alguma velha peça  
do ferro-velho para encher a pança.

[...]

E assim vai terminando este poema;  
sabiá real virou emblema.  
Não canta mais, cansou de bater asas:  
canção do exílio sem sair das casas.  
(MATTOS, 2018, s/p)

## **Considerações Finais**

A leitura desse poema, tanto dos aspectos organizacionais do texto, como dos sentidos, além do diálogo com um texto canônico, pode contribuir com uma reflexão sobre o espaço - habitat em que vivemos e no qual vivem outras espécies,

não dotadas de consciência, por isso, nossa responsabilidade pela sobrevivência de todos aumenta.

Dialogar com o tempo não é conhecer o que aconteceu na vida passada em termos absolutos. O que é possível, nesse diálogo, é o registro de algumas visões de mundo que nos ajudam a compreender melhor o presente, quando nos apercebemos das transformações que um dado espaço sofreu. Tal registro, quando feito pelo texto poético, traz a subjetividade de sujeitos líricos que podem ser vozes individuais e coletivas ao mesmo tempo, informando-nos como foi a passagem do ser humano (ou de alguns deles) por este lugar.

Carlos Drummond de Andrade em um de seus poemas indaga. “Como é o lugar/ quando ninguém passa por ele? / Existem as coisas sem serem vistas?” “Suposta existência”<sup>7</sup> é um belo e reflexivo texto do autor, que nos faz pensar sobre a importância dos textos literários que dizem algo sobre os lugares em que habitamos, nos tornando co-autores, pela leitura, de uma reflexão sobre eles.

Aclyse Mattos, em *Sabiapoca*, se apoia num passado de natureza exuberante para dizer que o presente está ameaçado pela ação do ser humano e nos desperta para algumas questões: são mesmo necessários tantos recursos naturais para satisfazer nossas necessidades? Por que resistimos em continuar cegos para os sinais de que algo está errado na forma como nos relacionamos com a natureza? Como restaurar o equilíbrio?

Por fim, consideramos que a leitura do poema de Mattos em sala de aula, mais do que ampliar o repertório de leituras, pode promover desenvolvimento linguístico e cognitivo, e o fortalecimento da sensibilidade de crianças e adolescentes para as questões ambientais.

## Referências

CAVALCANTE, Joana. **Caminhos da Literatura infantil e juvenil: dinâmica e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Ed. Paulus, 2002.

MATTOS, Aclyse. **Sabiapoca ou canção do exílio sem sair de casa**. Cuiabá: Tanta tinta, 2018.

---

<sup>7</sup> Poema publicado originalmente no livro *A Paixão Medida*, em 1980, e posteriormente na Antologia *Poesia Completa*, da Nova Aguilar-RJ, em 2002.

MATTOS, Aclyse. **Entrevista**. [set. 2019]. Entrevistadoras: Márcia Regina da Silva e Marta Helena Cocco. Tangará da Serra, 2019. Entrevista feita por e-mail, colocada em apêndice ao final deste artigo.

RODRIGUES, Rosana. Um sabiá exilado na literatura infantil contemporânea produzida em Mato Grosso. **Revista Polifonia**. Cuiabá-MT, v. 26, n.41, p. 01-188, janeiro-março, 2019.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Paródia, Paráfrase & Cia**. São Paulo: Ática, 2001.

SABIAPOCA. Wiki aves: a enciclopédia das aves do Brasil, s/d. Disponível em: <http://www.wikiaves.com.br/wiki/sabia-poca>. Acesso em 22/10/2019.

## ANEXO

### SABIAPOCA OU CANÇÃO DO EXÍLIO SEM SAIR DE CASA

SABIAPOCA NÃO É POUCA PORCARIA:  
MAJESTOSA AVEZINHA  
CANTANDO AO RAIR DO DIA  
(OU PODE DIZER DE MADRUGADINHA).

SABIAPOCA POUCO A POUCO SE AVIZINHA  
DO MASSA- BARRO- QUE, CATANDO LAMA,  
ERGUE PAREDES, FAZ A CASA, ANINHA.  
- SÓ CATA GALHO- O SABIÁ PROCLAMA.

SABIAPOCA CATA MAIS QUE “GAIO”:  
CATA FOLHINHA, CISCO, GALHO SECO,  
RAMO DE ABETO E NUM ZÁS-TRÁS, NUM RAIOS,  
CONSTRÓI SEU NINHO TODO DE GRAVETO.

SABIAPOCA TEM PARENTES CHIQUES.  
TEM UNS ATÉ CANTANDO NAS PALMEIRAS  
TRILANDO AQUI OU GORJEANDO TRISTES...  
SÃO TÃO ROMÂNTICOS ESSES LARANJEIRAS!

SABIÁ-LARANJEIRA- É ESSE O MAIS FAMOSO;  
DEVE FAZER UM NINHO ORLADO DE FLORES.  
TEM PEITORIL COR DE LARANJA-FOGO  
E CANTA LINDO AS SUAS DORES!

SABIAPOCA POUCO IMPORTA E SEGUE  
FAZENDO O NINHO EM RITMO DE *REGGAE*  
COM UMA PITADA ASSIM DE SERTANEJO  
E A SABIAPOQUINHA VEM E LHE TASCA UM BEIJO!

SABIAPOCA APÓS PASSAR UM TEMPO,  
VIU DEFINHAR A MATA EM QUE VIVIA.  
DOEU NO SEU PEITINHO UM SENTIMENTO  
DE VER QUE HAVER GRAVETO NÃO HAVIA.

SABIAPOCA, COMO ESTE É UM POEMA,  
PEÇO LICENÇA DE INTERVIR, VÁ LÁ:  
SABER QUE O SABIÁ SABIA ASSOBIAR,  
SABIA? MAS SEM TRINADO OU TREMA...

SABIAPOCA, AGORA COM DOR EXTREMA,  
BATEU AS ASAS LONGE DO POEMA;  
VIU NA CIDADE TANTO FIO EMBLEMA,  
FAZER NINHO AGORA OUTRO PROBLEMA.

SABIAPOCA CATA AGORA É PORCA,  
É PARAFUSO, É PREGO, TAMPINHA DE COCA,  
PREGA COM GOSMA OU PICHE DE ASFALTO.  
VIXE! QUE NINHO ESTRANHO ENTRANHA LÁ NO ALTO!

SABIAPOCA, INVÉS DE RAMO, UM POSTE;  
SABIAPOCA, INVÉS DE NINHO, UM TRASTE  
FEITO DE LATA E PLÁSTICO E EPÓXI.  
SABIAZINHA ATÉ BOTOU BOTOX

E NESSE NINHO HÁ MUITO MAIS QUE ESPINHO.  
PIOR QUE ESPINHO: É CRAVO OU PREGO.  
ESTE POEMA AO SABIÁ ENTREGO  
E NEM INVENTO (MAS TAMBÉM NÃO NEGO).

MANOEL JÁ DISSE UM SABIÁ COM TREVAS.  
MEU SABIÁ TAMBÉM NÃO TEM NEM TREVOS;  
TEM ENTREVEROS COM A CIDADE ENTRAVE.  
COMO É POSSÍVEL SABIÁ COM TROVAS?

SABIAPOCA E A SABIAPOQUINHA  
CHOCARAM OS OVOS E A NINHADA LINDA  
ABRE O BIQUINHOE PEDE UMA MINHOCA,  
MAS QUAL! É POUCA, ESTÁ FORA DE ÉPOCA.

E ASSIM VOANDO VAI O SABIÁ-BEM-POCA  
ABRINDO A BOCA, O BICO, À BEÇA,  
LEVA NO VOO ALGUMA VELHA PEÇA  
DO FERRO-VELHO PARA ENCHER A PANÇA.

SE AS AVES QUE AQUI GORJEIAM,  
NÃO GORJEIAM COM LÁ;  
SE NEM AVES MAIS RECREIAM,

AONDE SE PERDEU O LÁ?

NOSSO CÉU TEM LUMINÁRIAS;  
NOSSAS MATAS, MOTO-SERRAS,  
EM CISMAR SOZINHO À NOITE:  
ONDE CANTA O SABIÁ?

E ASSIM VAI TERMINANDO ESTE POEMA;  
MEU SABIÁ REAL VIROU EMBLEMA.  
NÃO CANTA MAIS, CANSOU DE BATER ASAS:  
CANÇÃO DO EXÍLIO SEM SAIR DE CASA.

(Aclyse Mattos)

## APÊNDICE

### ENTREVISTA COM ACLYSE MATTOS

**01 - Gostaríamos de saber como foi o processo de criação do livro Sabiapoca ou Canção do Exílio sem sair de casa. Qual a motivação? Por que sabiapoca e não outra ave?**

Meu processo é muito lento, mesmo que, às vezes, o poema apareça quase pronto. O que quero dizer é que escrever o poema pode até acontecer de uma única vez que, ainda assim, ele ainda não está pronto. Adorava saber que o Fernando Pessoa escreveu os 49 poemas do Guardador de Rebanhos numa única noite. Mas ele não publicou logo de pronto. Deixar o tempo passar, reler o poema depois de um tempo, tentar ser um outro que lê para ver se aquele lampejo continua parecendo interessante. Então gosto de dar essa decantação nos textos. Costumo escrever poesia a mão com lápis, depois passo para caneta, depois para um caderno, depois para o computador. Muitas vezes com grandes intervalos entre uma ação e outra. Com prosa já não é assim: vou direto para o computador. Muitas vezes aquele poema a lápis numa folha solta não muda quase nada. O texto original de Sabiapoca já era de muitos anos atrás (para a gente ver como as questões do ser humano e da sociedade permanecem quase as mesmas!). No livro “Assalto a mão amada” (1985) já tem uma paródia da Canção do Exílio do Gonçalves Dias já ironizando a quantidade de intertextualidades que o poema gerou (**Mais uma – oh, não! – Canção do Exílio/- Não precisam me empurrar, já sei o caminho**). A ideia aconteceu (gente, se eu fosse romântico como Gonçalves, teria que dizer inspiração) quando vi pela televisão uma reportagem em que numa cidade do interior de São Paulo encontraram um ninho de Sabiapoca feito com arames, tampinhas de refrigerante, parafusos. Esse é o lado do real, do cotidiano. Foi um raio para lembrar-me do Sabiá da Canção do Exílio e para perceber que estávamos (como o sabiazinho) sendo expulsos de nosso próprio modo de ser. Aí veio a correnteza criativa: associar com o sabiá com trevas do Manoel de Barros, colocar que o sabiapoca não é aquele sabiá romantizado, mostrar a família dele: a sabiazinha e os filhotes... Quanto mais o tempo passava, mais a história ficava forte, pois ali estava um retrato de vários exílios (natural, social, humano e até poético). Uma historinha para dizer que muitas vezes o exílio vem até nós, mesmo que não saíamos de nosso próprio lugar.

Isto é atualíssimo, e vai ainda além do sentido político: tem a devastação da natureza, tem a substituição compulsiva dos modos de existir, tem a velocidade das transformações que nos desnorream, tem as normas mundiais que pasteurizam as cores e costumes locais. A Barbara que fez as ilustrações foi minha aluna na UFMT. Depois de o poema pronto ainda tem o sabor de pensar na materialidade do livro: dividir que estrofes irão a que página, com que desenho. Sabiapoca já ganhou depois um áudio-book (também feito por um aluno, o Guilherme) e agora um musical (composição dos alunos Luciana e Adriano, ambos do curso de Música).

**02 - Os sentidos de exílio expõem uma situação bastante debatida hoje que é a do desmatamento em que seres ficam desalojados do seu habitat natural. Como você vê essa questão em Mato Grosso? Sua intenção foi a chamar a atenção do público infanto-juvenil para esse tema?**

Em parte, a questão dois (2) foi abordada acima, mas, sendo mato-grossense e conhecendo nossa realidade, isto me influenciou muito. Quando eu era criança queria ser ornitólogo – estudar as aves. Adorava. Acabei fazendo vários poemas com elas. Os voos, os cantos, as cores, os ninhos. O sabiá era quase um *alter ego*. Não só pelo canto, mas também pela crença de que ele está chamando a chuva. E a seca é outro problema que nos toca profundamente aqui no estado com as queimadas e tudo. Vivi toda essa experiência da degradação ambiental. Morei na beira do rio Coxipó nos anos 70 com as águas limpas e árvores no quintal. Saí de Cuiabá para estudar em São Paulo e já foi um choque: rios poluídos, fumaça... Depois no Rio de Janeiro a mesma coisa e a destruição do mar e dos mangues. Tive um professor de violão (Juarez) que dizia que meu pai era um profeta, porque ele falava errado o meu nome e Aclise de Mattos virava *A crise de matos* e meu pai já havia previsto aquilo tudo. Sim, acredito que a transformação do mundo passa pelas crianças, mas a escola não pode ser algo dogmático, impositivo. A ludicidade, a arte, a possibilidade de inventar nos transformam muito mais. Imagina tudo isso para as mentes em expansão aceleradíssima que são as mentes das crianças. Some-se a isso a poesia e a literatura e sua capacidade de criar conexões entre a linguagem e o mundo!

**03 - Percebemos que seu texto é muito bem construído, demonstrando sua habilidade com os aspectos da construção textual. Por informações em orelhas de outros livros seus, soubemos da sua afinidade com a música. Isso influencia na ênfase que seu texto apresenta nos elementos de sonoridade?**

Bondade dos seus olhos (e ouvidos) encontrar os nexos construtivos no poema. Quanto às sonoridades, sim. Amo a música e, se na infância queria estudar as aves e desenhar, na adolescência a música foi a paixão. Aprendi violão clássico (e depois fui para o popular), fiz aulas de piano (não lembro de quase nada mais) e cheguei a tocar saxofone na banda do colégio (Escola Técnica Federal, hoje IFMT). O texto de sabiapoca enfatiza o ritmo e as assonâncias e de certa forma homenageia o modo de Gonçalves Dias ou de Castro Alves. No Romantismo a métrica era importante, mas podia ser quebrada como recurso expressivo. Sonhava em ser músico, compositor. Brincava de fazer paródias trocando as letras das canções. Mas só fui entender mesmo o que era “pé” muito

tempo depois que já escrevia. Alguns poemas e textos são mais sonoros, mas geralmente a primeira “inspiração” é uma espécie de visão imaginada. As imagens vão puxando as palavras e o ritmo e então a sonoridade toma conta como um manto para transmitir ou realçar as imagens. O começo são imagens e a chegada é a forma sonora a partir das palavras que aparecem. É quase como se eu estivesse filmando, mas como só tenho palavras, a cor e a luz tivessem que vir dos ritmos e dos sons das palavras.

#### **04 - Há mais alguma coisa sobre o livro que você gostaria de acrescentar?**

De certa forma e, numa visão extrema, somos todos exilados. Desde as populações humanas que fogem das guerras e dos regimes autoritários até os animais expulsos pelas queimadas e as aves que fogem do frio extremo. Somos exilados de nós mesmos porque a sociedade nos conforma a determinados papéis e que às vezes nos obrigam a contradições ou a desviar o curso de nossas vontades. Escrever/ler é uma das maiores libertações! Até mais do que conversar. Quando conversamos construímos uma liberdade perante outro (sem dúvida importante), mas quando escrevemos/lemos conquistamos uma liberdade dentro de nós mesmos. Que adianta uma liberdade fora se não acedemos a uma liberdade dentro?

Curto todas as etapas de fazer um livro: desde escrever, reler, acompanhar a edição, sonhar com as imagens. No caso de Sabiapoca até participar do edital foi um barato. Chamar a Babi para ilustrar, dividir com o Ramon e a Elaine as preocupações de prazo para editar e imprimir o livro. O lançamento triplo que fizemos (Divanize, Wuldson e eu).

O que me incomodou um pouco é que no fundo a historinha é tristíssima. O desenho da Babi suavizou isso (até para agir na empatia). Quem sabe isso me leve a escrever outras. Ontem na apresentação do musical já vislumbrei outras continuações. Quem sabe?